



MOMENTOS DE TENSÃO NO MERCADO: OPERADORES DA BOLSA MERCANTIL E DE FUTUROS, EM SÃO PAULO, NO MEIO DA TARDE DE ONTEM, QUANDO A MOEDA NORTE-AMERICANA PARA FEVEREIRO FOI COTADA A R\$ 3,649

Vicente Nunes
Da equipe do Correio

O mercado financeiro do Brasil foi mais uma vez tragado pelo temor do iminente ataque dos Estados Unidos ao Iraque. Desde a abertura das negociações, os preços do dólar registraram ontem forte oscilação e o Ibovespa, índice que mede a lucratividade da Bolsa de Valores de São Paulo, afundou em meio à venda maciça de ações das principais empresas brasileiras. O comportamento do mercado de câmbio só não foi pior graças à intervenção do Banco Central vendendo pelo menos US\$ 80 milhões e de companhias exportadoras desfazendo-se da moeda americana para embolsar lucros. Com isso, o dólar fechou o dia cotado a R\$ 3,620 para venda — menos 0,14% em relação à sexta-feira —, interrompendo seis dias consecutivos de alta.

"Foi uma segunda-feira terrível para o mercado. Mas o pior é que o pesadelo só está começando", disse o professor Fábio Fonseca, do Ibmec Business School. A tormenta, segundo ele, foi maior a partir das declarações de Hans Blix, chefe dos inspetores de armas da Organização das Nações Unidas (ONU). Tão logo ele afirmou que o Iraque fracassou ao responder às principais dúvidas sobre seu programa de armas e falhou ao provar que destruiu as reservas de antraz — bactéria que assustou o mundo logo depois dos atentados

Choque externo

terroristas a Nova York, em 2001 —, o dólar atingiu o preço máximo do dia: R\$ 3,691. "Os operadores mais apressados interpretaram tais declarações como um aval da ONU ao bombardeio dos EUA ao país de Saddam Hussein", afirmou.

Na Bovespa, o ligeiro recuo do dólar, forçado pelo BC, não surtiu nenhum efeito. O pregão encerrou a segunda-feira com baixa de 2,36%, puxado pela desconfiança dos investidores de que o Brasil terá dias difíceis pela frente se a guerra entre os EUA e o Iraque se confirmar. O mercado está tão convencido de que o ataque americano vai acontecer que a pergunta mais fre-

quente entre os analistas passou a ser: quanto tempo a guerra vai durar? Dependendo da duração da batalha, os efeitos podem ser maiores ou menores sobre o Brasil, país muito dependente de capital estrangeiro. "Em tempos de guerra, o fluxo de capitais diminui consideravelmente. Se a oferta de dólar diminuir, os preços da moeda vão

continuar altos e a pressão sobre a inflação não deixará o governo em paz", ressaltou Fábio Fender, da Corretora Liquidez.

CLIMA AZEDOU

A inflação, por sinal, deu sua contribuição para azedar ainda mais o humor dos investidores, que não estão dando a devida importância a notícias positivas, como a captação de mais de US\$ 2 bilhões por bancos e empresas brasileiras no exterior e o superávit acumulado no ano de US\$ 888 milhões na balança comercial. Segundo pesquisa realizada pelo BC junto a cem institui-

ções financeiras e empresas de consultoria, as projeções de 2003 para o IPCA, índice oficial de inflação, subiram de 11,19% para 11,34%. Isso, mesmo depois de o BC ter aumentado as taxas de juros de 25% para 25,5% ao ano.

A pesquisa do BC mostrou que são frágeis as perspectivas de o custo de vida recuar na velocidade esperada pela governo, cuja meta é fechar o ano com IPCA de 8,5%. A inflação de janeiro — estimada pelo mercado em 1,08% — está sendo sustentada pelo forte aumento dos preços dos hortigranjeiros. Devido às chuvas torrenciais que caem sobre o Rio, São Paulo e Minas Gerais, a alface já subiu 14,96%. O almeirão teve reajuste de 20,72%. A cenoura aumentou 36%, a cebola, 26,7%, e a banana prata, 21,2%. Os investidores sabem que essas altas são temporárias. Mas se arrepiam diante da hipótese de esses aumentos serem combinados com um novo reajuste de combustíveis.

Na avaliação do economista Dany Rappaport, sócio-diretor da Tática Asset Management, há um grande exagero entre os investidores para o pessimismo. "Na verdade, o mercado não consegue encontrar um meio termo, pois também exagerou no otimismo em relação ao país no início do ano", afirmou. Para ele, nem mesmo a ameaça de uma guerra entre os Estados Unidos e o Iraque justifica o fato de o real estar no seu momento de maior desvalorização das últimas décadas.